

**SÍNTESE DAS PRINCIPAIS IDÉIAS  
CONTIDAS NO LIVRO**

***O que é educação***

*Autor: Carlos Rodrigues Brandão*

**Professora: Daniela Gonçalves dos Santos Campos**

**Fevereiro/2002**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28<sup>o</sup> ed., 1993.

***“Professor não é quem ensina, mas quem de repente aprende”.***

João Guimarães Rosa/ Grande Sertão: Veredas

Todos os seres são alvo de um processo educativo. Os pássaros, por exemplo, desde cedo expulsam seus filhotes do ninho, fazendo com que experimentem o processo de aprendizagem do vôo, e este exercício é fundamental para a continuidade da vida.

Assim também, nós seres humanos vivenciamos experiências de aprendizagem nos diversos setores: em casa, na rua, igreja e na escola. Vivenciamos estas experiências e passamos por experiências do tipo: ***para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.***

***Para saber, para fazer, para ser ou para conviver. Todos os dias misturamos a vida com a educação.***

Os bebês, por exemplo, sentem necessidade de aprender e esta aprendizagem iniciada desde a mais tenra idade, objetiva socializar o indivíduo na sociedade por meio do ensino de hábitos, costumes e valores convencionados de forma consensual pela coletividade.

A educação ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar uns para os outros o saber que o constitui e legitima. Produz o conjunto de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem tipos de sociedades (p. 11).

Na página oito de seu texto, num item denominado “Educação? Educações: aprender com o índio”, o autor conta que há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações e como as promessas e os símbolos da educação sempre foram adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes da tribo responderam agradecendo e recusando o convite. A carta acabou conhecida porque Benjamim Franklin adotou o costume de divulgá-la. Eis o trecho que nos interessa reproduzir com o intuito de iniciar nossas reflexões sobre educação a partir da concepção destes índios:

***“... Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações tem concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.***

***... Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.***

***Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens” (p. 8-9).***

Quando falamos de educação logo nos chega a imagem da escola, mas os antropólogos ao se referirem sobre o assunto pouco querem falar de processos formalizados de ensino. Estes estudiosos identificam processos sociais de aprendizagem onde não existe ainda nenhuma situação propriamente escolar de transferência do saber. A rotina das aldeias tribais o saber vai da confecção do arco e flecha à recitação das rezas sagradas aos deuses da tribo. “Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo e a consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar”.

Nas aldeias dos grupos tribais mais simples, toda a relação entre a criança e a natureza, guiadas de mais longe ou mais perto pela presença de adultos conhecedores, **são situações de aprendizagem**. A criança vê, entende, imita e aprende a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa. São também situações de aprendizagem aquelas em que as pessoas do grupo trocam bens materiais entre si ou trocam serviços e significados: na turma de caçada, no barco de pesca, no canto da cozinha da palhoça, na lavoura familiar ou comunitária de mandioca, nos grupos de brincadeiras de meninos e meninas, nas cerimônias religiosas”(p. 18).

Émile Durkheim, um dos principais sociólogos da educação, explica isto da seguinte maneira:

**“Sob o regime tribal, a característica essencial da educação reside no fato de ser difusa e administrada indistintamente por todos os elementos do clã. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores”(18/19).**

“O saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo; o saber próprio dos homens e das mulheres, de crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos; o saber de guerreiros e esposas; o saber de guerreiros e esposas; o saber que faz o artesão, o sacerdote, o feiticeiro, o navegador e outros tantos especialistas, envolve, portanto, situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiram técnicas pedagógicas escolares, acompanhadas de seus profissionais de aplicação exclusiva. Os que sabem: fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem, premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, vêem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer. Esparramadas pelos cantos do cotidiano, todas as situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica. **Ali, todos os que convivem aprendem, aprendem, da sabedoria do grupo social e da força da norma dos costumes da tribo, o saber que torna todos e cada um pessoalmente apto e socialmente reconhecidos e legitimados para a convivência social, o trabalho, as artes da guerra e os ofícios do amor” (p. 20-21).**

Em todos os grupos humanos mais simples, os diversos tipos de treinamento através das trocas sociais socializam crianças e adolescentes.

... **“Cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos**

***jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que o tornarão um dia o modelo de homem ou mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela – idealiza, projeta e procura realizar” (p. 22).***

***... “Nunca as pessoas crescem a esmo e aprendem ao acaso” (p. 23).***

Enfim, constata-se a existência de diversas formas comunitárias de ensinar-e-aprender, todas estas possuem como principal objetivo a **SOCIALIZAÇÃO**.

A socialização realiza e dissemina as necessidades e projetos da sociedade e realiza em cada um de seus membros, grande parte daquilo que precisam para serem reconhecidos como “seus” e para existirem dentro dela. Ela faz o contorno da identidade, da ideologia e do modo de vida de um grupo social.

O autor apresenta o conceito de **endoculturação** como sendo o processo onde a criança se transforma num adulto que assimila o conjunto de crenças e hábitos da sociedade (p. 23).

A educação é apenas uma fração da experiência endoculturativa. Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender. São como as intenções de “modelar” a criança para conduzi-la a ser o “modelo” social de adolescente e, ao adolescente, para torná-lo mais adiante um jovem e, depois um adulto.

O autor compara a melhor imagem que se faz da educação com a imagem do oleiro que toma barro e faz o pote. As vezes a argila resiste as mãos do oleiro, mas se deixa conduzir por elas e se transforma na obra feita. Segundo Brandão, quando o educador pensa a educação ele, acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento (p.25).

A educação acontece em locais onde não há escola, já que por toda parte pode haver “redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. A educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida” (p. 13).

O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender em **educação**.

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, **ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, tornando-o mais humano**. É esta a idéia que Werner Jaeger tem na cabeça quando num estudo sobre a educação do homem grego, procura explicar o que ela é, afinal:

***“A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação, como o homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e a propagação de seu tipo. É nela, porém, que essa força atinge o seu mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade dirigida para a consecução de um fim” (p. 14-15).***

***“Quando um povo alcança um estágio complexo de organização da sua cultura; quando ele enfrenta, por exemplo, a questão da divisão do trabalho e, portanto, do poder, é que ele começa a viver e a pensar como problema as formas e os processos de transmissão do saber”(p. 16).***

A partir destas idéias é possível conceituar as idéias de Brandão no que diz respeito a cultura, endoculturação e educação.

**Cultura:** tudo o que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem. Assim, acumula-se um saber que será transmitido.

**Endoculturação:** processo pelo qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais. Tudo que se adquire em uma cultura como conhecimento que se absorve através da experiência como o mundo ou com o outro. (Comportamentos socialmente aceitos, consensuais)

**Educação:** Ela existe quando a mãe corrige o filho para que ele fale direito a língua do grupo, ou quando fala à filha sobre as normas sociais do modo de “ser mulher” ali. Existe quando o pai ensina o filho a polir a ponta da flecha, ou quando os guerreiros saem com os jovens para ensiná-los a caçar.

“A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender. O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia (a teoria da educação); cria situações próprias para o seu exercício, produz os seus métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados. É quando aparecem **a escola, o aluno e o professor**” (p.26).

### Então, surge a escola (p.27)

A escola surge da necessidade de iniciar a divisão das tarefas, separando de forma hierárquica os saberes, ou seja, a necessidade de sistematizar as diferentes formas de trabalho.

Assim surgem as hierarquias sociais que desencadeiam um processo de distribuição desigual. O saber passa a servir ao uso político de reforçar a **DIFERENÇA**, no lugar de um saber anterior que afirmava a **COMUNIDADE** (p.27).

Ocorre, portanto a separação entre: **o que faz, o que sabe com o que se faz e o que se faz com o que se sabe. SABER E ENSINAR A SABER.**

Este é o começo: a educação vira o ensino e surge a necessidade de uma Pedagogia que possa traçar as teorias que determinarão as práticas de transmissão do saber.

No início o espaço educacional não é escolar. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal (p. 32).



### **ONDE VIVER O FAZER FAZ O SABER.**

**“Assim, aos poucos acontece com a educação o que acontece com todas as outras práticas sociais (a medicina, a religião, o bem-estar, o lazer) sobre as quais um dia surge o interesse político de controle. Também no seu interior, sistemas antes comunitários de trocas de bens, de serviços e de significados são em parte controlados por confrarias de especialistas, mediadores entre o poder e o saber”** (p. 33).

O corpo profissional de especialistas do ensino tende a dividir e a legitimar divisões do conhecimento comunitário, reservando para o seu próprio domínio tanto alguns tipos e graus do saber da cultura, quanto algumas formas e recursos próprios de sua difusão” (p.33).



### **O SABER E A REPARTIÇÃO DO SABER**

A educação da comunidade de iguais que reproduzia em um momento anterior a igualdade por sobre diferenças naturais, começa a reproduzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais.

***“Um tipo de educação que pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los sujeitos livres que por igual repartem uma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem dentro das mesmas idéias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros como escravos” (p.34).***

A educação que hoje existe entre nós surge mediante a complexidade que a evolução da sociedade traz consigo, problemas relacionados a sociedade de classes estruturadas sob um regime capitalista.

Este modelo de educação escolar surge na Grécia e vai para Roma, ao longo de muitos séculos da história de espartanos, atenienses e romanos.

Os primeiros assuntos relacionados a educação grega foram os dos ofícios simples dos tempos de paz e de guerra – agricultura, saber do pastoreio, do artesanato de subsistência cotidiana e da arte.

Todos estes ensinamentos aliados aos princípios de honra, solidariedade e fidelidade à polis, a cidade grega onde começa e acaba a vida do cidadão livre e educado.

O modelo de educação grega, que adota uma dupla postura, carrega dentro de si a oposição que até hoje o nosso modelo de educação não resolveu.

O modelo de educação duplo, estruturado pelos gregos, elabora e põe em prática um sistema de divisão entre a **tecne e teoria**. Ou seja, o saber que se ensina para que se faça foi denominado **tecne**, devido suas formas mais rústicas e menos enobrecidas, ficando a cargo dos trabalhadores manuais, livres ou escravos.

As normas de vida que, quando reproduzidas como um saber que se ensina para que se viva e seja um tipo de homem livre e, se possível, nobre, os gregos acabaram chamando de **teoria**.

Assim, surge um modelo de sociedade que acredita numa sociedade com **estruturas de oposição** entre **livres e escravos, nobres e plebeus, meninos nobres da elite guerreira e, mais tarde da elite togada (que determina as regras-relacionado as leis judiciais) é que a educação foi dirigida** (p.37). Enfim, o processo educativo, a arte da teoria ficava direcionado às elites, enquanto a arte de fazer estava diretamente relacionado ao aprendizado do ofício.

Por alguns séculos, mesmo para a elite, ainda não existia a escola.

Para os gregos, os que chamavam de educação estava diretamente ligado ao conceito de Paidéia (formação harmônica do homem para a vida da polis), ou seja, através do desenvolvimento de todo o corpo e toda a consciência, começa de fato, fora de casa, depois dos sete anos. Até então, a criança convive com a sua criação, convivendo com a mãe e escravos domésticos.

Para além ainda dos sete aos catorze anos aprende com o mestre-escola, que acompanha o educando por muitos anos (p. 38).

A vida e o trabalho colocam de um lado os homens livres e de outro, escravos ou outros tipos de trabalhadores manuais expulsos do direito do saber que existe na paidéia (p. 39).

Com o passar dos séculos surgem os rumores de democratização da cultura (saber), surgindo portanto os primeiros modelos de escola por volta do ano 600 a.C. ...

Surgem as escolas de bairro, as “lojas de ensinar”, abertas entre as outras no mercado. Essas escolas reduziam-se apenas aos ensinamentos das primeiras letras e contas. Mas, o menino escravo, que aprende com o trabalho a que o obrigam, não chega sequer a esta escola. O menino livre e plebeu em geral pára nela. O menino livre nobre passa por ela depressa em direção aos lugares e aos graus onde a educação grega forma de fato o seu modelo de “adulto educado” (p.40). Assim com afirma Sólon: (p.40)

***“As crianças devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler; em seguida, os pobres devem exercitar-se na agricultura ou em uma indústria qualquer, ao passo que os ricos devem se preocupar com a música e a equitação, e entregar-se à filosofia, à caça e à freqüência aos ginásios” (p.40).***

A respeito desta concepção, Xenofonte, um historiador, poeta e filósofo militar grego, criticaria quase dois séculos depois ao afirmar:

***“Só os que podem criar seus filhos para não fazerem nada é que os enviam à escola; os que não podem, não enviam.” (p.40)***

A educação do jovem livre vai em direção à teoria, que é o saber do nobre para compreender e comandar, não para fazer, curar ou construir.

A tecne é desenvolvida de maneira simples e direta, na oficina e no trabalho, através do convívio com algum velho artífice.

Estas divisões de classes produziram diferenças curiosas entre os tipos de educadores da Grécia antiga. De um lado, desprezíveis mestres-escola e artesãos-professores; de outro, escravos pedagogos e educadores nobres, ou de nobres. De um lado a prática de instruir para o trabalho; de outro, a de educar para a vida e o poder que determina a vida social.

A obra de arte da paidéia é a pessoa plenamente madura como cidadã, como militar ou como político, posta a serviço dos interesses da cidade-comunidade. Assim, o ideal da educação é reproduzir uma ordem social idealmente concebida como perfeita e necessária, através **da transmissão, de geração a geração, valores e habilidades que tornavam um homem tão mais perfeito quanto mais preparado para viver a cidade a que servia** (p.44).

Com o passar do tempo a educação clássica deixa de ser um assunto privado, passando a ser uma questão de interesse de estado (pública). Por volta do VI século a.C., Aristóteles “exige do imperador leis que regulem direitos e controlem o exercício da educação. Atrás das tropas de conquista de Alexandre Magno, os gregos levam as suas escolas por todo o mundo. Elas são, mais do que tudo, o meio de impedir que a distância da Pátria de origem ameace perder-se a cultura do vencedor entre os costumes e o saber dos vencidos” (p. 46).

O princípio que orientou toda a educação clássica dos gregos foi sempre entendido como um “processo pelo qual a cultura da cidade é incorporada à pessoa do cidadão. Uma trajetória de amadurecimento e formação (como a obra de arte que aos poucos se modela), cujo produto final é o adulto educado, um sujeito perfeito segundo um modelo idealizado de homem livre e sábio, mas ainda sempre aperfeiçoável. Assim, a educação grega não é dirigida à criança no sentido cada vez mais dado a ela hoje em dia. De algum modo, é uma educação contra a criança, que não leva em conta o que ela é, mas olha para o modelo do que pode ser, e que anseia torná-la depressa o jovem perfeito (o guerreiro, o atleta, o artista de seu próprio corpo-e-mente) e o adulto educado (o cidadão político a serviço da polis)” (p. 46-47).

***“Finalmente, os gregos ensinam o que hoje esquecemos. A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação***

*de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula –a ao educando” (p.47).*

### **A educação que Roma fez, e o que ela ensina**

Assim como entre outras sociedades, também em Roma, o trabalho era entre todos e o saber de todos. Os primeiros reis de Roma punham com os súditos as mãos no arado e lavravam a terra.

O processo educativo que se tem início em Roma tinha por objetivo a formação da **consciência moral**.

Pretende-se um homem capaz de renúncia de si próprio em benefício da comunidade.

Este modelo de educação primitivo não tinha a preocupação com a formação física e intelectual do cidadão ocioso, ocupado com o pensar, governar e guerrear. Tinham como preocupação a formação do homem para o trabalho e a vida, para a **cidadania da comunidade igualada pelo trabalho**.

A educação era centrada no lar, os primeiros educadores de pobres e nobres são os pais. Quando o menino completa sete anos, termina o aprendizado cheio de afeição da mãe e passa a ser educado pelo pai, que será responsável por formar a sua consciência segundo os preceitos das crenças e valores da classe e da sociedade” (p. 50).

Na educação Romana o modelo ideal a ser seguido é o ancestral da família, depois o da comunidade.

Mas, assim como na Grécia, ocorre a separação das classes. Quando a nobreza romana abandona o trabalho da terra pelo da política, enriquecida com a agricultura e o saque, **aquele saber primitivo divide-se e acontece a separação de tipos, níveis e agências de educação**.

**“Quando há livres e escravos, senhores e servos, começa haver um modelo de educação para cada um, e limites entre um modelo e outro”.**

Aos poucos aparece a oposição entre o **ensino de educar** (ministrado pelos pais) e o **ensino de instruir, do mestre-escola** que monta no mercado **a loja do ensino e vende o saber de ler-e-contar como uma mercadoria (p. 51)**.

“O ensino elementar das primeiras letras apareceu em Roma antes do IV século a.C. Um tipo de ensino que podemos identificar com o secundário surgiu na metade do século III a.C. e o ensino que hoje chamaríamos de superior, universitário, apareceu pelo século I a.C. Mas, durante quase toda a sua história, o Estado Romano não toma a seu cargo a tarefa de educar, que ficou deixada à iniciativa particular, mas já não mais comunitária, como ao tempo em que os reis aravam a terra. Só depois do advento do Cristianismo, por volta do século IV D.C., é que surge e se espalha por todo o Império a schola pública, mantida pelos cofres dos municípios” (p.51).

Como na Grécia, ocorre a separação em duas vertentes o que se pode aprender.

Uma oficina de trabalho para onde vai os filhos dos escravos, dos servos e dos trabalhadores artesãos. Outra é a escola livresca, para onde vai o futuro senhor (o dirigente, livre do trabalho e do Estado).

Foi então preciso “o advento de uma nobreza plenamente separado do trabalho produtivo e, cada vez mais, até mesmo do trabalho político – entregue nas mãos dos intelectuais mediadores de seus interesses – para que surgisse uma classe de gente capaz de representar o mundo quase fora dele. Esta elite ociosa e seus intelectuais sacerdotes, filósofos e artistas puderam imaginar como ‘puras’ a vida, a arte, a ciência e até mesmo a educação” (p. 69).

A educação passa a ser vista como uma arma que serve para impor ao povo a vontade e a visão do mundo do dominador.

Plutarco descreveu como Roma usou a educação para “domar” os espanhóis dominados: **“As armas não tinham conseguido submetê-los a não ser parcialmente, foi a educação que os domou”** (p. 53).

### **Educação: isto e aquilo, e o contrário de tudo**

Consultando-se os dois dicionários mais conhecidos, encontramos as seguintes definições acerca da temática educação:

**“Ação e efeito de educar, de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais da criança e, em geral, do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, Caldas Aulete)”**.

**Ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens para adaptá-las à vida social; trabalho sistematizado, seletivo, orientador, pelo qual nos ajustamos à vida, de acordo com as necessidades ideais e propósitos dominantes; ato ou efeito de educar; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas, polidez, cortesia (Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda)”**.

A letra da lei não muda muito ao definir o que é educação e a que serve. De acordo com o **“Art. 1º – A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:**

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;**
- b) o respeito à dignidade e as liberdades fundamentais do homem;**
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;**
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;**
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;**
- f) a preservação do patrimônio cultural;**
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça (Lei 4024, de 20 de dezembro de 1961)”**.

Em contrapartida, intelectuais, educadores e estudantes fazem todos os dias a crítica da prática de educação no Brasil, argumentando que a educação nega no cotidiano o que afirma a lei e afirmam: **“Não há liberdade no país e a educação não tem tido papel algum nos últimos anos para a sua conquista; não há igualdade entre os brasileiros e a educação consolida a estrutura classista que pesa sobre nós; não há nela nem a consciência nem o fortalecimento dos nossos verdadeiros valores culturais”** (p. 57).

“Do ponto de vista de quem a controla, muitas vezes definir a educação e legislar sobre ela implica justamente ocultar a parcialidade destes interesses, ou seja, a realidade de que eles servem a grupos, a classes sociais determinadas, e não tanto ‘a todos’, ‘à Nação’, ‘aos brasileiros’. Do ponto de vista de quem responde por fazer a educação funcionar, parte pelo trabalho de pensá-la implica justamente em desvendar o que faz com que a educação, na realidade, negue e renegue o quem oficialmente se afirma dela na lei e na teoria” (p. 60).

Na verdade, quem descobriu que na prática, “o fim da educação são os interesses da sociedade, ou de grupos sociais determinados, através do saber que forma a consciência que pensa o mundo e qualifica o trabalho do homem educado, não foram os filósofos do passado ou os cientistas de hoje. Esta é a maneira natural dos povos primitivos, com quem estivemos até há pouco, *tratarem* a educação de suas crianças, mesmo quando eles não sabem *explicar* isto com teorias complicadas ” (p. 67).

“A educação é a ação exercida pelas gerações adultas que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina” – Durkheim (p.71).

Brandão cita Maritain em sua percepção de que o objeto da educação é “guiar o homem no desenvolvimento dinâmico, no curso do qual se constituirá como pessoa humana – dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais – transmitindo-lhe ao mesmo tempo o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence e conservando a herança secular das gerações”. Também estabelece um paralelo com o conceito formulado por William James, no qual lê-se: “A educação é a organização dos recursos biológicos individuais, e das capacidades de comportamento que tornam o indivíduo adaptável ao seu meio físico ou social” (p.65).

Completando as diversas definições de educação expostas, o autor apresenta as seguintes: “A Educação não é mais do que o desenvolvimento consciente e livre das faculdades inatas do homem” (Sciacca); A Educação é o processo externo de adaptação do ser humano, física e mentalmente desenvolvido, livre e consciente, a Deus, tal como se manifesta no meio intelectual, emocional e volitivo do homem (Herman Horse); O fim da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz (Kant); É toda a espécie de formação que surge da influência espiritual” (Krieck) – p. 62-63.

### **A esperança na educação**

“A Educação Permanente é uma concepção dialética da educação, como um duplo processo de aprofundamento, tanto da experiência pessoal, quanto da vida social, que se traduz pela participação efetiva, ativa e responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa de existência que esteja vivendo... O primeiro imperativo que deve preencher a Educação Permanente é a necessidade que todos nós temos de sempre aperfeiçoar a nossa formação profissional. Num mundo como o nosso, em que progredem ciência e suas aplicações tecnológicas cada dia mais, não se pode admitir que o homem se satisfaça durante uns poucos anos, numa época em que estava profundamente imaturo. Deve informar-se, documentar-se, aperfeiçoar a sua destreza, de maneira **a se tornar mestre de sua práxis. O domínio de uma profissão não**

**exclui o seu aperfeiçoamento. Ao contrário, será mestre quem continuar aprendendo” – Pierre Furter (p. 82).**

“Se educação é transformação de uma realidade, de acordo com uma idéia melhor que possuímos, e se a educação só pode ser de caráter social, resultará que pedagogia é a ciência de transformar a sociedade”. – Ortega y Gasset (p. 82-83).

“Pessoas educadas (qualificadas como ‘mão-de-obra’ e motivadas enquanto ‘sujeitos do processo’) são agentes de mudança, promotores do desenvolvimento, e é para torná-los, mais do que cultos, agentes, que a educação deve ser pensada e programada...” (p. 83-84).

### **Reflexões suscitadas pelo autor**

“Se o fim da educação é desenvolver no homem toda a perfeição de que ele é capaz, que perfeição é esta? De onde é que ela procede? Quem a define e a quem serve? Por que, afinal, idéias de perfeição são tão diversas de uma cultura para outra? É falso imaginar uma educação que não parte da vida real: da vida tal como existe e do homem tal como ele é. É falso pretender que a educação trabalhe o corpo e a inteligência de sujeitos soltos, desancorados de seu contexto social na cabeça do filósofo e do educador, e que os aperfeiçoe para si próprios, desenvolvendo neles o saber de valores e qualidades humanas tão idealmente universais que apenas existem como imaginação em toda parte e não existem como realidade (como vida concreta, como trabalho produtivo, como compromisso, como relações sociais) em parte alguma” (p.71).

... “Quem afinal estabelece os ideais e os princípios da educação? Uns e outros são universais? Existiram para todos os povos, em todos os tempos, de uma mesma maneira, pelo fato de que é sempre a mesma a ‘essência do homem’? Pode ou não deve existir uma espécie de educação universal?” (p. 75-76).

Até algumas décadas atrás a educação escolar esteve estruturada tal como na Grécia e Roma (há muitos séculos): “crianças filhas de pais ‘das boas famílias’ iam às escolas, mesmo que por poucos anos”. As escolas existentes eram “particulares, ‘abertas’ por professores avulsos ou pelas ordens religiosas”. Por conseguinte, eram pagas, “algumas custavam caro e as poucas crianças pobres que aprendiam ‘de graça’ nos orfanatos ou nos anexos dos colégios religiosos”. Os filhos de escravos, lavradores livres e outros “deserdados da fortuna” aprendiam “no ofício”, o que explica, de acordo com Brandão, estatísticas que denunciavam até poucos anos, que o Brasil possuía um dos maiores índices de analfabetismo de todo o mundo (p. 85-86). Fazendo uso das palavras do autor, pode-se dizer que havia duas educações em curso: Uma destinada aos filhos das “gentes de bem, que somava além do ensino das primeiras, para aqueles que prosseguiram os estudos após o primário, letras, o Latim, Grego, Literatura e Música, todos não profissionalizantes. Conforme explica Brandão, até por volta da década de 1930, mesmo entre os mais ricos eram raras as pessoas que faziam o curso superior. Outra era da oficina, destinada aos “filhos da pobreza”.

Foi também nas primeiras décadas do século XX que teve início a luta pela democratização do ensino, a qual resultou na escola pública, gratuita, laica, a qual mantida pelo governo concederia direito de estudar para todas as pessoas.

Brandão assinala que essa democratização do ensino possuía duas facetas, uma vez que políticos e educadores, “ao pregarem idéias de uma educação voltada para a vida, a mudança, o progresso, a democracia, traduziam ao mesmo tempo o imaginário

democrático de seu tempo e, por outro lado, o projeto político que servia aos interesses de **novos donos do poder** e da economia”. Introduzem assim novos tipos de usos políticos do aparato pedagógico, adaptado aos novos modelos de controle da cidadania instituído **pela demanda de “quadros” qualificados para o trabalho nas fábricas, num processo de transferência do capital da agricultura para as indústrias** (p. 88-89).

Na realidade, a educação escolar, revestida de sua nova configuração democrática, camufla na prática o que promete na teoria, a proclamada igualdade. Mesmo nos Estados Unidos, conforme ilustram pesquisas desde a década de 1950, o ingresso da criança pobre nas salas das escolas não fez desaparecer a divisão anterior entre o **“aprender-na-oficina para o trabalho subalterno e o aprender-na-escola para o trabalho dominante”**. Desse modo, “o filho do operário estuda para ser operário que acaba sendo, e o filho do médico para ser médico ou engenheiro”, sendo igualmente comum fazerem alardes em festa de formatura quando um filho de operário consegue sair formado na Faculdade de Engenharia, o que denota que “a educação da sociedade capitalista avançada reproduz na moita e consagra a desigualdade social”. Pode-se completar afirmando, tal como o faz Brandão, que a educação “vale como um bem de mercado, e por isso é paga e às vezes custa caro” (p. 90-93).

Diante das contradições assumidas pela educação, atesta-se sua dupla dimensão de valor capitalista: “a) valer como alguma coisa cuja posse se detém para uso próprio ou de grupos reduzidos, que se vende e compra; b) valer como instrumento de controle das pessoas, das classes sociais subalternas, pelo poder de difusão das idéias de quem controla o seu exercício” (p. 94).

Ainda hoje a educação que se pratica ainda é classista e centralizadora, na medida em que os sujeitos diretamente envolvidos no processo não são chamados a participarem das decisões, pois estas estão restritas aos “donos do poder político” e às “pequenas confrarias de intelectuais constituídas como seus porta-vozes pedagógicos”. Consumimos idéias prontas sobre a educação e reproduzimos conteúdos impostos à educação. Tal como atesta o autor, “a educação que chega à favela, chega pronta na escola, no livro e na lição” (p. 94-96).

Em outras palavras: “Afirmar como idéia o que nega como prática é o que move o mecanismo da educação autoritária na sociedade desigual” (p. 96).

Entretanto, o autor faz algumas indagações e as responde como fonte de reflexão:

Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos, por que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante? Se na sociedade desigual ela reproduz e consagra a desigualdade social, deixando no limite inferior de seu mundo do trabalho (operários e filhos de operários), e permitindo que minorias reduzidas cheguem ao seu limite superior, por que acreditar ainda na educação? Se ela pensa e faz pensarem o oposto do que é, na prática do seu dia a dia, por que não forçar o poder de pensar e colocar em prática uma outra educação?

A resposta mais simples é: “porque a educação é inevitável”. Uma outra, melhor seria: “porque a educação sobrevive aos sistemas e, se em uma ela serve à reprodução da desigualdade e à difusão de idéias que legitimam a opressão, em outro pode servir à criação de igualdade entre os homens e à pregação da liberdade”. Uma outra ainda poderia ser: “porque a educação existe de mais modos do que se pensa e, aqui mesmo, alguns deles podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo”. (p.98-99).

Apropriando-se da expressão de Paulo Freire, Brandão sugere que se trata de “reinventar a educação”, ou seja, “a idéia de que a educação é uma invenção humana e, se em algum lugar foi feita de algum modo, pode ser mais adiante refeita de outro, diferente, diverso, até oposto” (p.99).

O autor explica que ao fazer a crítica da educação capitalista, denominando-a “educação bancária” ou “educação do opressor”, Freire desejava desarmá-la da idéia de que ela é maior do que o homem, portanto sagrada e imutável. Sugeriu assim que “é preciso acreditar que, antes, determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que, depois, ela recrie determinados tipos de homens” (p. 100).

Brandão finaliza ressaltando sua esperança na educação ao afirmar que:

Desesperar da ilusão de que todos os seus avanços e melhoras dependem apenas de seu desenvolvimento tecnológico. Acreditar que o ato humano de educar existe tanto no ato político que luta no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo.

E é bem possível que até mesmo neste “outro mundo”, um reino de liberdade e igualdade buscada pelo educador, a educação continue sendo *movimento* e *ordem*, *sistema* e *contestação*. O saber que existe solto e a tentativa escolar de prendê-lo num tempo e num lugar. A necessidade de preservar na consciência dos “imatuross” o que os “mais velhos” consagram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo que está consagrado, em nome de do que vem pelo caminho (p.110).